

SINOPSE

REVISTA DE CINEMA

ALEX MIANY CURRA URBANA REVISTA VEJA SEGREDOS E MENTIRAS

BOSSA NOVA CRUZ E SOUZA BLEAK MOMENTS HANS STADEN GÊMEAS NOTÍCIAS DE

ESPACO UNIBANCO

CRONICAMENTE INVIÁVEL?

Ingresso

ESTUDANTE

Valor

R\$ 3,00

Data

01-06-00

Hora

20:25

CINEMA: DIVERSÃO INTELIGENTE

PRAZER RECEBE-LO



2311

5 CINCO

YANOMAMI: A Produção Imagética da Realidade Nativa

A vista aérea de um grande *xapono*, a casa coletiva Yanomami, cercada por pequenas habitações de missionários evangélicos que, às margens do rio Toototobi (AM), tentavam realizar seu ofício de pescadores de almas, ilustra um contexto etnográfico clássico: um grupo nativo vivendo as especificidades de sua cultura no interior de algum território inóspito e de difícil acesso. O conjunto de pequenas casas que circunda o grande *xapono* mostra-nos, no entanto, um contexto de interação entre duas versões de mundo que chocam-se, negociam, estudam-se mutuamente buscando uma interação positiva entre duas formas de realidade absolutamente distintas. Mas um terceiro olhar evidencia-se na cena. O olhar do fotógrafo que, agregando à sua técnica todo o viés específico de sua cultura e sua história pessoal, sobrevoa aquela realidade criando, a partir da captação de uma imagem congelada no tempo e no espaço, uma quarta versão para aquele mundo, multiplicando-se infinitamente nas leituras e apropriações feitas sobre seu registro fotográfico.

A publicidade atingida pelos Yanomami no cenário internacional a partir da década de 1960, torna possível o acompanhamento da transformação do discurso elaborado sobre eles, discursos estes absolutamente permeados de imagens que lhes dão a legitimidade e a verossimilhança que apenas a linguagem fotográfica pode proporcionar, construindo “realidades etnográficas” que muitas vezes alimentam o imaginário ocidental, ávido por um exotismo que dê justificção aos rumos tomados por sua própria civilização.

O realismo intrínseco à produção de imagens potencializa os discursos produzidos sobre o “outro” inventando “realidades efetivas” que, compartilhadas no cotidiano, passam a agir com relativa autonomia em relação aos mundos que lhe servem como referente, influenciando diretamente, no entanto, sobre o destino destes em sua interação com a sociedade envolvente, na qual tais “realidades” passam a operar.

“Fierce People” : A produção exotizante da “realidade selvagem”

O livro publicado originalmente em 1968 sob o título *Yanomamö: The Fierce People*, contribuiu para tornar Napoleon Chagnon um dos mais polêmicos antropólogos que a etnologia da Amazônia já produziu. Com um viés metodológico fundamentalmente baseado em dados estatísticos, extremamente vinculados as teorias da sociobiologia, seus estudos tornaram-se famosos por criar admiração em alguns e revolta em outros, além de extrapolar a esfera da academia, muitas vezes legitimando uma série de ações extremamente nocivas aos índios.

Criador de uma linguagem exotizante que encontrou eco principalmente no universo ideológico do público norte-americano, Chagnon funda um campo discursivo no qual são estabelecidas as regras através das quais uma série de outros autores vem inserido-se. Sob os auspícios da sociobiologia, suas análises centradas em uma espécie de violência institucionalizada, vinculada ao sucesso reprodutivo de indivíduos inseridos em um meio social hostil, transforma a “seleção natural” em um “projeto individual de maximização genética”² refletindo o mito do estado de natureza, onde a luta de todos contra todos marca os limites do universo “primitivo” a espera da redenção civilizatória por um estado de sociedade fundado na soma de interesses individuais.

Em *Yanomamö*, as imagens relacionadas com a violência entram em um quadro descritivo das características sócio-culturais deste povo, potencializando o realismo etnográfico que reinventa



cinema indígena



1. Chagnon, N. *Yanomamö: The Fierce People*, First Edition. Cases Studies in Cultural Anthropology. New York, Holt Rinehart and Winston, 1968

2. Borges, M.I.S. *Das Amazonas aos Yanomami: fragmentos de um discurso exotizante*. Dissertação de Mestrado, Brasília, ICH/PGAS - UNB, 1995. p. 39

a realidade nativa.

Todas as fotografias são em preto e branco e enfocam as formas principais através das quais a violência Yanomami se expressa (fig 1, 2, 3, 4).

A fusão entre narrativa escrita e imagens fotográficas cria uma apreensão culturalmente orientada para a interpretação e compreensão da realidade etnográfica. O potencial polissêmico intrínseco às fotografias vai, em conjunção com o texto escrito, sendo limitado, enquanto a leitura do texto fotográfico torna-se, aliada aos clamores do realismo etnográfico, meio de legitimidade e constituição de uma realidade nova, criada pelo antropólogo e vivida pelo espectador como um mundo indubitavelmente concreto, impondo assim as consequências desta ilusão aos próprios índios.

O olhar sobre a barbárie

A partir da década de 1970, a região ocupada pelos Yanomami passou a ser alvo de invasões sistemáticas que, fomentadas pela política desenvolvimentista do Estado Nacional, fez com que frentes de expansão agrícola, aliadas à construção da rodovia Perimetral Norte e os resultados obtidos pelo projeto RADAM Brasil, levassem, em um espaço de uma década, cerca de cinquenta mil homens ao interior desse território, incitando uma das maiores corridas do ouro da história brasileira. Os efeitos desse contato intenso e descontrolado foram devastadores. Uma série de doenças desconhecidas dos Yanomami passaram a atingir maciçamente os índios que observavam, atônitos, a morte de seus parentes e a incapacidade de cura de seus xamãs.

A desestruturação social e a desnutrição agravaram ainda mais a situação. Impossibilitados do trabalho nas roças devido à uma situação precária de saúde decorrente das constantes epidemias, os Yanomami observaram também o desaparecimento



da caça, que fugindo do ruído dos motores, agravavam os problemas relacionados à falta de alimentos. Muitos rios contaminados pelo mercúrio utilizado nos garimpos transformaram-se em enormes poças de lama,

favorecendo ainda mais a reprodução de agentes transmissores de doenças. Estava então configurada uma situação na qual os índios passaram a depender dos garimpeiros para comer.

Neste contexto, a produção de imagens sobre os Yanomami passou cada vez mais a focar os absurdos cometidos pelos garimpeiros e a retratar o enorme impacto que sua presença causava ao meio ambiente e principalmente aos índios.

A morte dos Yanomami era o tema fundamental das campanhas pela demarcação da terra e pela expulsão e proibição definitiva da permanência dos garimpeiros na área. Imagens dramáticas da convivência entre índios, garimpeiros e militares rechearam a imprensa em todo o mundo (fig 5 e 6).

A degradação social foi intensamente explorada pelos fotógrafos que buscavam reverter a situação dramática pela qual passavam os Yanomami. Provas inquestionáveis dos desmandos do garimpo, as imagens jornalísticas basearam-se ainda mais no realismo fotográfico. Utilizando-se de uma outra fonte de legitimidade - o discurso da "imparcialidade jornalística" - buscavam relatar friamente a destruição que a permanência dos garimpeiros causava entre os Yanomami (fig.7).

Ao apropriarem-se desta realidade com um tom urgente de denúncia, o jornalismo fez com que toda e qualquer esfera positiva



3. Andujar, C. Yanomami, s/l. dBA, 1998 e Andujar, Cláudia. Cláudia Andujar. Catálogo da exposição na XXIV Bienal de São Paulo, 1998

4. Dubois, P. *El Acto Fotográfico: de la representación a la recepción*. Barcelona, Paidós Comunicación, 1986

do cotidiano Yanomami fosse, no entanto, subtraída através de uma visão externalista da cultura, que pintada com as cores da vítima, viu-se, como consequência nefasta, relegada a uma situação desgraçada de sobrevivência às decorrências da barbárie do garimpo descontrolado.

Os olhos da arte

De maneira diferenciada dos olhares fotográficos apresentados até aqui, as fotos de Claudia Andujar³ sobre os Yanomami demonstram um caminho alternativo no tratamento das imagens sobre o outro. Sem preocupação com o realismo etnográfico, aqui o envolvimento entre fotógrafo e fotografado

passa não pela reprodução de uma realidade, mas pela transmissão de experiências, sensações e vivências criadas em conjunto. A releitura artística da realidade indígena opõe-se firmemente à postura da documentação; é a criação explícita de um mundo novo de imagens que buscam expandir a realidade, deformando uma concepção linear de tempo pela construção de uma memória que condensa passado e futuro em um presente fluido e interpessoal.

Sua interferência na realidade Yanomami, explicitada por uma linguagem fotográfica particular, apresenta-nos “um olhar específico” sobre uma realidade outra, distante e intraduzível. O cotidiano da aldeia é deformado por recursos que intensificam o contraste, deformam rostos e imprimem movimento, articulando a afetividade, as emoções e a participação, em uma síntese elegante entre sensibilidade estética e significados extremamente densos (fig 8,



9 e 10).

O retrato de Cláudia Andujar (fig 11.), com uma criança Yanomami em seu colo é o contraponto da imagem inicial, na qual uma visão distante sobre o mundo Yanomami sugeria a produção



de uma série de versões que, ao apropriarem-se da realidade nativa, criaram, de forma dissimulada, mundos paralelos que chegaram a sociedade ocidental como realidades legítimas.

A opção por uma linguagem que dispensa a preocupação puramente documentária possibilita-nos a pensar um caminho intermédio entre a pretensão realista e a subjetividade artística.

Como nos mostra P. Dubois⁴, a relação de índice entre a imagem captada pela câmera e seu referente, estarão sempre nos remetendo ao contexto ou fato fotografado, e a responsabilidade na produção do texto etnográfico, aliada ao bom senso (e se possível, bom gosto) na produção das imagens, possibilitaria a criação de narrativas que apresentassem a alteridade a partir de pontos de vista explícitos, aumentando assim nosso conhecimento sobre estas sociedades ao isentar-nos do mal estar de nos descobrirmos ludibriados por versões que, mesmo quando bem intencionadas, acabam prestando um desserviço não apenas aos povos retratados, mas à própria produção do conhecimento sobre o outro.

Rogério Duarte do Pateo
Mestrando em Antropologia FFLCH/ USP

cinema indígena

Imagem Aérea: Victor Englebert - 1982, *Aborigines of the Amazon Rain Forrest - The Yanomami*, Amsterdam, Time-Life Books.

Fig. 1: Chagnon, N. - in: *Yanomamö: The Fierce People*, pag.182

Fig. 2: Chagnon, N. - in *Yanomamö, Fifth Edition*, pag.187

Fig. 3: Chagnon, N. - in *Yanomamö, Fifth Edition*, pag.197

Fig. 4: Chagnon, N. - in *Yanomamö, Fifth Edition*, pag.197

Fig. 5: s/r - *Aconteceu Especial 18 - Povos Indígenas no Brasil - 1987/1990*, São Paulo, CEDI, pag.172 e 179.

Fig. 6: Renato dos Anjos - A/E, in: 1991, *Aconteceu Especial 18 - Povos Indígenas no Brasil - 1987/1990*, São Paulo, CEDI, pag.164.

Fig. 7: Paulo Lacerda - A/E, in:1990, *Yanomami: A Todos os Povos da Terra*, Brasília, Ação Pela Cidadania.

Fig. 8 e 9: Cláudia Andujar - 1998, *Catálogo da XXIV Bienal de São Paulo*.

Fig. 10 e 11: Cláudia Andujar - 1998, *Yanomami*, São Paulo, DBA.